

8

A força salvífica da mortificação

O batismo é a fonte da mortificação cristã. No esforço cotidiano para conservar e desenvolver a graça santificante fundamenta-se a legitimidade antropológica da mortificação. É dinamismo de fidelidade crescente à graça. Pelo batismo, o cristão faz de sua existência comunhão de vida com Cristo crucificado e ressuscitado. É capacitado pela graça a transformar toda situação de morte em situação de ressurreição. Capaz de passar da dilaceração do pecado para a comunhão com Deus, com o próximo, com a natureza e consigo mesmo. Deste modo, a vida cristã pressupõe, a cada instante, uma “Páscoa parcial”, uma passagem de nosso ser de uma situação de morte parcial para uma situação de vida crescente; até a última passagem, a “Páscoa derradeira”, quando acontecerá a passagem definitiva: da morte parcial para a ressurreição plena. A mortificação é, portanto, o processo ativo de viver a existência batismal.

8.1.

Batismo: fonte da mortificação

O termo “mortificação” tem sua origem em Cl 3, 5. Logo no início desta perícopé (v. 5), o autor conjuga o verbo “mortificar” no modo imperativo aoristo, em grego “*necróstate*” (νεχρσατε), que significa literalmente “mortificai-vos”, ou seja, “dai morte”, “fazei morrer”⁵⁸¹. E este verbo está inserido no contexto integral da perícopé, que retoma o argumento principal da teologia paulina de Rm 6, 1-11, cujo tema é a morte do “homem velho”⁵⁸². Deste modo, o verbo mortificar, interpretado à luz desta catequese batismal, assume a significação de morte, não ao corpo, mas, a uma existência pecaminosa. Portanto, literalmente, o termo mortificação significa morte ao pecado, ao “homem velho”. É um termo derivado da própria dinâmica batismal.

⁵⁸¹ Cf. POSADA, M. E., *Mortificação*. In: *DM*, p. 766-767.

⁵⁸² Cf. GARCIA RUBIO, A., *Unidade na pluralidade*, São Paulo, Paulinas, 1989, p. 166.

O batismo, como bem sabemos, além da remissão dos pecados⁵⁸³, confere ao cristão a “graça santificante”, tornando-o um “homem novo” (cf. Ef 2, 15; 4, 24; Cl 3, 10), participante da natureza divina (cf. 2Pd 1, 4), templo do Espírito Santo (cf. 1Cor 6, 19), unido a Cristo e a seu Corpo que é a Igreja (cf. 1Cor 6, 15; 12, 27), e capacitado a caminhar numa existência nova (cf. Rm 6, 4)⁵⁸⁴, libertada do poder do pecado. Porém, existe um detalhe de suma importância na dinâmica batismal: a graça santificante cria o “homem novo”, mas seu desenvolvimento não ocorre automaticamente, pois é imperativa a colaboração humana. Desse modo, como bem alerta São Paulo, existe o risco real da graça ser desperdiçada (cf. 2Cor 6, 1). O “quietismo”, embora seja uma heresia há muito tempo condenada pela Igreja, infelizmente ainda continua presente na vida de muitos cristãos que recebem o batismo, mas acabam retornando à antiga vida do “homem velho”, prisioneiro do pecado⁵⁸⁵. Falta para esses cristãos a colaboração com a graça. Falta-lhes a prática da mortificação.

Analisaremos mais detalhadamente no próximo item o dinamismo salvífico da mortificação, embasados na catequese batismal presente em Rm 6, 1-11 e Cl 3, 5-15.

8.1.1. Dinamismo salvífico da mortificação

São Paulo, em Rm 6, 1-11, afirma que, pelo batismo, o cristão fica unido à morte de Cristo e participa, desse modo, da vida do “homem novo”. Estar unido à morte de Jesus Cristo tem como objetivo segui-lo na vida nova inaugurada pela ressurreição. Esta comunhão com a morte de Cristo, porém, leva consigo um determinado comportamento ético que se resume na luta contra o pecado e na abertura à vontade de Deus. No batismo, o cristão já está morto para o pecado e renascido para Deus, em Cristo Jesus. E porque já está morto, ele deve continuar morrendo cada dia ao pecado em cada situação de sua vida cotidiana⁵⁸⁶.

Como alguém que já está morto pode continuar morrendo? Não há aqui contradição alguma. Acontece que a ressurreição é ainda futura para o cristão. Na situação atual, este dá os primeiros passos na caminhada rumo à vida nova, em

⁵⁸³ CIC n. 1263.

⁵⁸⁴ CIC n. 1265.

⁵⁸⁵ Cf. KERTELGE, K., *A epístola aos Romanos*, Petrópolis, Vozes, 1982, p. 120.

⁵⁸⁶ Cf. GARCIA RUBIO, A., *Unidade na pluralidade*, São Paulo, Paulinas, 1989, p. 166.

direção à plenitude que é própria da ressurreição. Parafraseando Jesus quando trata das parábolas do reino, o cristão já possui a semente da vida nova enquanto espera ativamente o tempo da colheita, isto é, da plenitude (cf. Mt 13). Por isso já está morto e deve ainda morrer. O comportamento ético deve ser manifestação do que aconteceu e foi celebrado no batismo. Dito de outro modo, a “santidade ontológica” deve se transformar em “santidade moral”⁵⁸⁷.

Sem a morte do “homem velho” não é possível viver a nova existência, própria do “homem novo”, pois a morte ao pecado é o único caminho para o objetivo que realmente interessa: a vida nova da ressurreição. O “homem velho” é o “Adão pecador”. É preciso morrer a si mesmo para participar da existência do “homem novo”, do “Novo Adão”, Jesus Cristo. A necessidade desta morte é o que são Paulo focaliza prioritariamente em Rm 6, 1-11, embora trate também da vida nova⁵⁸⁸.

Igualmente em conexão com o batismo e numa ótica em que é ressaltada a necessidade do adequado comportamento moral, o texto de Cl 3, 5-15 continua a desenvolver o tema da passagem do “homem velho” para o “homem novo”, iniciado em Rm 6, 1-11. Retorna a recomendação paulina: o “homem novo” recebido no batismo deve ser atualizado e concretizado nas atitudes do dia-a-dia. O cristão, a partir do batismo, participa já da ressurreição de Jesus Cristo, pois esta não é uma realidade meramente futura na sua eficácia salvífica. A vida nova própria do ressuscitado já está semeada e agindo no presente; continua, porém, a existir o “homem velho”, que não é vencido definitivamente durante a vida terrestre. É, pois, necessário prestar atenção para controlar, disciplinar e diminuir a negatividade do “homem velho”. É igualmente necessário saber direcionar a energia para o crescimento do “homem novo”. Conforme cresce o “homem novo”, diminui o velho; e quanto mais permitimos que o “homem velho” tome conta da nossa vida, tanto mais enfraquece a vida nova em nós⁵⁸⁹.

A partir do que foi exposto, fica muito patente que o caminho batismal da santidade passa necessariamente pela mortificação, cuja finalidade é justamente levar o cristão a passar da consciência de ser batizado à vivência da força do

⁵⁸⁷ Cf. *Ibidem*.

⁵⁸⁸ Cf. *Ibidem*.

⁵⁸⁹ Cf. *Ibidem*, pp. 166-167.

batismo⁵⁹⁰, à vivência daquilo que já se é na graça de Deus; levar à realização histórica aquilo que se recebeu como dom: a vida nova em Cristo⁵⁹¹.

8.2. A mortificação hoje

Como nossa reflexão é teológico-pastoral, apresentamos, a seguir, algumas sugestões práticas e atualizadas de mortificação. Para alcançar esse objetivo, abordaremos alguns dos principais desafios da cultura contemporânea à luz do exercício das virtudes teologais, pois essas, quando realmente praticadas, se constituem no testemunho cristão, por excelência, da visível adesão a Cristo. Aliás, ainda dentro desse contexto de testemunho, é importante lembrar que o Concílio Vaticano II enfatiza que todos os cristãos, onde quer que vivam, “devem” manifestar, com o exemplo da própria vida, o homem novo do qual foram “revestidos” no batismo⁵⁹². Uma vida cristã, portanto, que não corresponda ao sinal sacramental, é uma mentira⁵⁹³!

8.2.1. Mortificação da fé

A fé é dom de Deus, como vimos ao abordar a teologia do batismo, mas é também esforço. Quem pensa ter fé sem lutar corre o risco de não acreditar em nada. Assim, a dúvida necessariamente faz parte da fé. Ela nos incita a sempre mais libertar-nos das próprias projeções e a ir em busca do Deus verdadeiro⁵⁹⁴.

A experiência de fé tem seu arquétipo naquela de Jacó no vau de Jaboc (cf. Gn 32, 23-33). Na escuridão de sua noite, Jacó se encontra só. Então lhe vem ao encontro um homem sombrio e luta com ele. É uma luta de vida ou morte, uma

⁵⁹⁰ CASTELLANO CERVERA, J., *O caminho da ascese cristã*. In: OMNIS TERRA, n. 89, ano X, Roma, Pontifícia União Missionária, abril de 2004, p. 116: “A ascese cristã não é senão o processo ativo de viver a existência batismal e a capacidade de secundar as moções do Espírito que realiza em nós, até ao fundo, o processo iniciado no batismo. Os Padres na Igreja viram a ascese cristã nesta perspectiva batismal de cumprimento e dinamismo da primeira graça. Valha para todos este texto de Leão Magno: ‘Aqueles que a fonte recebeu pela sua vetustez, a água do batismo insere-os no mundo renovados. E todavia é necessário realizar nas obras aquilo que se celebrou no sacramento. Aqueles que nasceram do Espírito Santo não podem eliminar o que neles subsiste do corpo deste mundo, sem carregar a cruz nos ombros’. Poder-se-ia afirmar, resumindo a doutrina dos Padres da Igreja com as seguintes expressões: ‘Em última análise, toda a ascese cristã consiste nisto: realizar progressivamente a graça batismal no seu duplo aspecto de purificação e de iluminação ou, se quiser, de despojamento do homem velho e do revestimento do novo’”.

⁵⁹¹ Cf. Idem, *Viver o batismo como fonte de vocação e de missão*. In: ABBA – Revista de cultura, Vol. V, n. 03, Vargem Grande Paulista, Cidade Nova, 2002, p. 68.

⁵⁹² Cf. AG n. 11; LG n. 10.

⁵⁹³ GOEDERT, V., *Teologia do batismo*, 2. ed., São Paulo, Paulinas, 1988, p. 67.

longa luta, que se prolonga até o amanhecer. O misterioso homem fere Jacó na articulação da coxa, mas Jacó resiste. Eles se aproximam, familiarizam-se, dirigem a palavra um ao outro. Jacó pede ao misterioso homem uma bênção, pois sente que tem necessidade da força deste homem, para ir ao encontro de seu irmão Esaú. Justamente em sua mais extrema aflição, Jacó tem uma experiência de Deus, uma experiência verdadeira de fé. Neste homem sombrio que o ataca e o fere, Deus o abençoa e lhe dá um nome novo. Ele deixa de chamar-se Jacó, pois já não é mais alguém que engana. Passa a chamar-se “Israel”, quer dizer, “o que luta com Deus”. E Jacó sai desta luta noturna transformado. A experiência de fé faz dele uma bênção para muitos, o patriarca de muitos povos. Ele agora coxeia, anda mais devagar, caminha com mais cuidado. Renuncia a querer saber tudo de Deus. A fé é, pois, sempre luta contra o próprio Deus. Esta é a prova da fé: lutar com Deus, sabendo que ele é o “Outro”, o “Mistério”, que escapa às nossas certezas e não se deixa domesticar pelas nossas pretensões⁵⁹⁵.

A própria luta cotidiana do cristão para manter e fortalecer a fé já é, por si só, mortificação. Sem luta, isto é, sem mortificação, não há desenvolvimento da fé. Por isso mesmo, uma prática atualizada da mortificação da fé inclui como obstáculos ao seu desenvolvimento os desafios da sociedade consumista. Dentre estes, podemos citar alguns: a aceitação e integração dos próprios limites; a aceitação da finitude e contingência da história; a superação das falsas imagens de Deus e a perseverança na prática da oração.

8.2.1.1.

Aceitar e integrar os próprios limites

A relação sadia da pessoa consigo mesma é formada basicamente pela aceitação e valorização de si. Aceitar é render-se à verdade e acolhê-la. Logicamente, aceitação não significa resignação passiva, muito pelo contrário, é justamente a aceitação da realidade que nos conscientiza da necessidade de modificá-la naquilo que é possível⁵⁹⁶. Isso supõe fé, coragem para encarar os próprios limites sem disfarces, sem recorrer a mecanismos de defesa⁵⁹⁷.

⁵⁹⁴ Cf. GRÜN, A., *Se quiser experimentar Deus*, Petrópolis, Vozes, 2001, p. 60.

⁵⁹⁵ Cf. FORTE, B., *A essência do cristianismo*, Petrópolis, Vozes, 2003, p. 124.

⁵⁹⁶ Cf. MARTÍNEZ LOZANO, E., *O gozo de ser pessoa. Plenitude humana, transparência de Deus*, São Paulo, Loyola, 2006, p. 28.

⁵⁹⁷ GRÜN, A., *Para que tua vida respire liberdade. Rituais de purificação para o corpo e a alma*, São Paulo, Paulus, 2005, pp. 76-77: “Nossa imagem de nós mesmos é freqüentemente obscurecida

A rejeição de si acarreta conseqüências nefastas e grandes sofrimentos. Com efeito, não se aceitar equivale a estar em permanente guerra consigo mesmo. É impossível que a pessoa que não se aceita, que não gosta de si mesma, possa ser feliz e se relacionar bem com Deus, com os outros e com a natureza. A sadia relação da pessoa consigo mesma é fundamental, pois influencia determinadamente todas as demais formas de relações humanas⁵⁹⁸. Assim como é a base para a construção de uma personalidade equilibrada.

É absolutamente normal que, como todo ser humano, tenhamos limites. O erro é querer recusá-los, como Adão e Eva o fizeram(cf. Gn 3, 1-24). Esta tentação fundamental de recusa dos próprios limites, que se encontra no mais profundo do coração humano, foi superada por Jesus, quando passou pelas tentações no deserto (cf. Lc 4, 1-13). É significativo que as tentações de Jesus digam respeito, precisamente, à aceitação dos limites do ser humano, à recusa da onipotência. Por medo de ver-nos tais como somos, escondemo-nos de nós mesmos, o que nos leva ao receio de sermos vistos: “Fiquei com medo, porque estava nu, e escondi-me”, responde Adão a Deus, que lhe interrogara: “Onde estás”? (Gn 3, 9-10). A pergunta de Deus refere-se não a um lugar geográfico, mas a um lugar dentro do ser: Onde estás em ti mesmo?⁵⁹⁹ A aceitação dos próprios limites implica uma conversão profunda, uma verdadeira mortificação da fé.

É difícil confrontar-se com as próprias imperfeições, erros e fracassos. É difícil ser simplesmente o que se é. Queremos ser perfeitos, isto é, sem falhas e sem limites, o que, via de regra, nos leva ao “perfeccionismo”. E o perfeccionista

por ilusões que alimentamos a respeito de nós mesmos. Há a ilusão de que temos o domínio da nossa vida, que podemos tudo o que queremos, que nossa vida está bem. Ou a ilusão de que nós só queremos o bem, que somos pessoas amigas, autocontroladas, disciplinadas, de elevado nível ético, que somos psicicamente sadios e espiritualmente honestos e esforçados. A purificação na relação comigo mesmo consiste, em primeiro lugar, em que eu abandone as ilusões que fiz de mim mesmo. E isso não é fácil. Muitas vezes é doloroso. É exatamente isso o que são Bento quer dizer com a *'humilitas'*, a coragem de descer ao próprio corpo, à própria humanidade terrena, para aceitá-la. Mas, nesse caminho de purificação encontramos numerosas armadilhas. Há, por exemplo, a tendência de não aceitarmos o nosso nível médio. Sempre queremos ser um caso especial, diferente. Ou somos especiais quanto à espiritualidade. Ou, se isso não tiver sucesso, consideramo-nos os piores pecadores. E com isso nos recusamos a aceitar nossa condição mediana. Não somos nem os maiores santos nem os piores pecadores, mas algo intermediário. E isso incomoda a imagem que temos de nós mesmos”.

⁵⁹⁸ Cf. MARTÍNEZ LOZANO, E., *O gozo de ser pessoa. Plenitude humana, transparência de Deus*, São Paulo, Loyola, 2006, p. 29.

⁵⁹⁹ Cf. PACOT, S., *A evangelização das profundezas. Nas dimensões psicológica e espiritual*, Aparecida, Santuário, 2006, pp. 44-45.

procura viver apenas com os melhores fragmentos de si mesmo, aqueles que estão conformes ao ideal buscado, com o que os outros pensam e esperam dele. O restante, as fraquezas, as tendências obscuras, ficam recalçadas no porão da consciência. Elas são recusadas e negadas. E ainda pior, o que é recusado torna-se uma ferida não cuidada que, aos poucos, acaba infeccionando, supurando e contaminando toda a vida, pois não é devidamente reconhecida e tratada⁶⁰⁰.

Outra conseqüência da recusa dos próprios limites é o chamado “comportamento de onipotência”, isto é, quando não aceitamos que algo escape ao nosso controle, quando recusamos ser confrontados com nossos limites; quando não aceitamos nem fracassos, nem erros, nem hesitações, nem retrocessos, nem quedas, nem recaídas. Quando, ainda, pensamos ser donos da verdade e recusamos qualquer revisão acerca de um assunto. A onipotência pode insinuar-se, por exemplo, na nossa maneira de querer ajudar o outro, quando exigimos que ele mude, segundo nossos pontos de vista. Ou então, quando tentamos manipular Deus, fazê-lo servir aos nossos interesses. Enfim, o comportamento de onipotência leva-nos a não aceitar a nossa condição de seres limitados e frágeis⁶⁰¹.

Até mesmo a prática das virtudes pode estar impregnada com segundas intenções. Nosso amor pode estar penetrado de pretensões de posse, de impulsos agressivos, de ciúmes, de desejos infantis. A prática da justiça pode misturar-se com farisaísmo ou com um sentido muito agressivo de direito, que pretende fazer valer a justiça à força. Dessa maneira, a virtude pode tornar-se vício e em vez de nos capacitar para a vida, acaba prejudicando-nos. A prudência pode virar astúcia ou modo tático de agir, isto é, de não querer se expor. A coragem pode degenerar em temeridade e a própria moderação pode ser falsificada em agir medíocre, uma busca de comodidade apenas. Enfim, todas as nossas virtudes precisam ser analisadas criticamente, para vermos em que estão turvadas e necessitadas de um novo direcionamento⁶⁰².

Portanto, o processo de autoconhecimento e de integração dos próprios limites é uma necessidade básica de todo ser humano. E justamente nessa tarefa

⁶⁰⁰ Cf. NETTO DE OLIVEIRA, J. A., *Perfeição ou santidade e outros textos espirituais*, São Paulo, Loyola, 2000, p. 15.

⁶⁰¹ Cf. PACOT, S., *A evangelização das profundezas. Nas dimensões psicológica e espiritual*, Aparecida, Santuário, 2006, p. 50.

⁶⁰² Cf. GRÜN, A., *Para que tua vida respire liberdade. Rituais de purificação para o corpo e a alma*, São Paulo, Paulus, 2005, p. 81.

de tornar-se uma pessoa madura, integrada, situa-se a mortificação da fé, pois, sem esforço, sem luta, é muito difícil perseverar no doloroso processo de autoconhecimento. Processo que, antes mesmo do esforço humano, solicita sempre a ação da graça divina, ou seja, exige um ato de fé. Somente sob a luz da fé é possível ao cristão reconhecer nas próprias fraquezas pessoais uma oportunidade para abrir-se a Deus; uma oportunidade para crescer, amadurecer. Numa sociedade que vive de aparência, falsidade e autopromoção, somente à luz da fé é possível aceitar a dura verdade sobre si mesmo como o caminho que seguramente conduz à felicidade verdadeira.

8.2.1.2.

Superar as falsas imagens de Deus

Muitas vezes construímos a imagem de Deus da qual necessitamos, seja para preencher uma carência afetiva, seja para assegurar-nos proteção. Seria conveniente se Deus eliminasse todo tipo de sofrimento em nossas vidas, se nos tornasse invulneráveis, se nos poupasse de correr riscos. Igualmente, seria de nosso gosto se Deus nos curasse de qualquer doença ou nos livrasse de qualquer embarço, imediatamente. Resumindo: seria tudo muito mais fácil se Deus estivesse ao nosso dispor⁶⁰³. O fato é que Deus não é assim. Daí a necessidade da mortificação da fé para purificar as falsas imagens que temos dele.

No evangelho de Mateus, Jesus faz a seguinte pergunta aos seus discípulos: “Quem é que as pessoas dizem ser o Filho do Homem?” (Mt 16, 13). Eles responderam que algumas pessoas do povo consideravam Jesus como sendo João Batista; outros, Elias; e outros, ainda, como sendo Jeremias ou algum dos profetas (cf. Mt 16, 14). Vamos, então, analisar criticamente a imagem de Deus revelada por cada um desses três profetas. João é um homem de penitências rigorosas. Renuncia à comida abundante, vai para o deserto e alimenta-se de mel e gafanhotos. A capacidade de abnegação tem seu valor no âmbito cristão, faz parte de nossa fé podermos renunciar a muitas coisas, pois, do contrário, haveríamos de identificar Deus com nosso bem-estar e o consumo passaria a ser nosso Deus. No entanto, quando esta visão é unilateral, a imagem de Deus fica adulterada. Jesus não viveu somente para as renúncias, pelo contrário, as pessoas chamavam-no, inclusive, de “glutão e bebedor de vinho”. Quem acha que a vida deve ser uma

⁶⁰³ Cf. PACOT, S., *A evangelização das profundezas*, Aparecida, Santuário, 2006, p. 36.

constante renúncia não está entendendo Deus corretamente. É evidente que sem renúncias não podemos desenvolver uma personalidade forte, capaz de enfrentar e superar as dificuldades do dia-a-dia. Mas o objetivo da renúncia não é a negação em si, mas a afirmação da vida. Devemos, portanto, renunciar sempre em vista da comunhão com Deus e não por considerar os bens criados como coisas negativas⁶⁰⁴.

Outros tomam Jesus por Elias, o profeta que enfrenta com violência os inimigos de Deus, que elimina todos os sacerdotes de “*Baal*”. Elias representa uma imagem de Deus marcada, por um lado, pela pureza e transparência e, por outro, pela violência e pela ira. Elias é o combatente da fé, mas seu agir é marcado pela rigidez que lhe perturba a visão, a ponto de não perceber o que está fazendo aos sacerdotes de “*Baal*”. O Deus de Jesus Cristo, ao contrário, faz o sol nascer sobre bons e maus. É um Deus magnânimo, misericordioso, que pacientemente espera que o ser humano se converta. Elias é dominado por fortes emoções, sabe levar as pessoas ao entusiasmo, mas, pouco depois, cai em depressão e deseja morrer. Jesus não incita os sentimentos dos ouvintes, mas fala de Deus com sobriedade, dando a eles a possibilidade para acolher ou não o Deus que ele apresenta em suas parábolas e imagens. Quem identifica Deus com os seus sentimentos, há de oscilar sempre entre o céu e a terra, como o profeta Elias. O Deus que Jesus anuncia ultrapassa os sentimentos. Embora possa provocar em nós emoções profundas, Deus se manifesta na sobriedade da vida cotidiana⁶⁰⁵.

Outros confundem Jesus com Jeremias, que é o profeta castigado pelos sofrimentos. É fato notório que o sofrimento é algo inerente à vida humana. Mas, como já foi dito anteriormente, devemos, sim, aceitar o sofrimento, mas jamais procurá-lo; pois, do contrário, corremos o risco de glorificá-lo, de construir uma religião masoquista, na qual o sofrimento é idealizado como sendo sempre a vontade de Deus, à qual temos que nos submeter. Elaboramos, dessa forma, mais uma imagem deturpada de Deus⁶⁰⁶.

Jesus como João Batista, como Elias ou como Jeremias representa imagens unilaterais de Deus. Na verdade, o Deus que Jesus revela não se limita a nenhuma destas imagens. Mas, por outro lado, cada uma delas têm alguns aspectos

⁶⁰⁴ Cf. GRÜN, A., *Se quiser experimentar Deus*, Petrópolis, Vozes, 2001, pp. 157-158.

⁶⁰⁵ Cf. *Ibidem*, pp. 158-160.

⁶⁰⁶ Cf. *Ibidem*, p. 160.

essenciais de Deus. O problema é que sempre que um determinado aspecto é absolutizado, ele adultera a verdadeira imagem de Deus. Esta deixa de ser a imagem do Deus de Jesus Cristo e passa a ser apenas a imagem idealizada por uma pessoa⁶⁰⁷. Portanto, cabe à mortificação da fé sempre purificar as imagens que construímos de Deus, para evitar que caiamos na tentação de absolutizar apenas um ou outro aspecto do mistério divino. A verdadeira fé implica acolher Deus como ele é, de fato, novidade inesgotável, mistério insondável (cf. Is 45, 15).

8.2.1.3. Assumir a fragmentariedade da história

A história é fragmentada, pois é uma realidade marcada pela morte, pelo mal, pela injustiça; enfim, realidade constituída pela finitude e pela contingência. Não se deve negar este fato. No entanto, a grande tentação hoje é fugir para um “espiritualismo evasivo”, ou seja, utilizar a fé em Deus como uma “droga” que aliena dos problemas cotidianos. Muitos cristãos acham que não precisam mais do que rezar e praticar determinados exercícios religiosos para terem tudo sob controle, e não precisam se confrontar com a dura realidade histórica. Desse modo não aceitam a dúvida, têm respostas prontas para tudo. A finitude e a contingência da história é algo inaceitável para eles⁶⁰⁸.

Assumir a fragmentariedade da história implica assumir com realismo que é o mal que triunfa em muitas ocasiões. Da mesma forma, implica aceitar o escândalo da cruz, isto é, o silêncio de Deus diante do sofrimento humano e da injustiça, sua não intervenção na história. Daí a reserva que uma fé adulta deve ter diante de todas as soluções fáceis. É preciso renunciar a certeza de um final sempre feliz para abrir-se à opção de fé, que dá um sentido à história, mas que não pode ser uma fixação para fugir da caducidade humana. O homem de fé deve compartilhar as perguntas e dúvidas de toda a humanidade; somente a partir desta partilha da condição humana é possível o testemunho de fé. É a fé que postula este sentido, que se compromete na luta contra o mal e o sofrimento, que acredita num

⁶⁰⁷ Cf. *Ibidem*, pp. 160-161.

⁶⁰⁸ Cf. ESTRADA DÍAZ, J. A., *La espiritualidad de los laicos*, México, San Pablo, 1994, p. 186.

Deus que nos abre e nos possibilita um futuro, a partir do presente que é construído pelo esforço humano⁶⁰⁹.

No âmbito da fragmentação histórica, mortificação da fé significa lutar contra a falsa idéia de que salvação é sinônimo de vida feliz, sem doenças, sem misérias, sem desavenças e sofrimentos; é lutar contra as “religiões de mercado”, que oferecem soluções mágicas para todos os problemas; é lutar contra a publicidade enganosa que oferece a felicidade à custa do consumismo desenfreado; é lutar contra a falsa idéia de progresso que destrói a natureza; enfim, é lutar contra o mito da eterna juventude, criado pela sociedade de consumo, que nos impede de integrar o envelhecimento e a morte como fases de nossa existência.

8.2.1.4.

A perseverança na prática da oração

Comumente, o ser humano não gosta de rezar. Diante da oração, muitas vezes, chega a sentir tédio. Nesse momento, tudo lhe parece mais importante e agradável, por isso cria desculpas para não rezar⁶¹⁰. Além dessa dificuldade inerente à condição do ser humano, ferido pelo pecado, também concorre para desestimular a prática da oração o ritmo acelerado da vida moderna, pois se nesse frenesi em que vivemos já é difícil manter uma conversa com pessoas visíveis, a dificuldade se torna maior ainda quando o interlocutor é o ‘Invisível’⁶¹¹. Acrescente-se, ainda, que a oração é um exercício de gratuidade. É um ‘tempo desperdiçado’, que nos lembra que o Senhor está para além das categorias do útil e do inútil⁶¹². Contudo, apesar de todas essas dificuldades, o cristão ‘necessita’ da oração para conservar e fortalecer sua fé; o abandono da mesma inevitavelmente conduz à crise de fé⁶¹³.

⁶⁰⁹ Cf. Ibidem.

⁶¹⁰ GUARDINI, R., *Introdução à oração*, Lisboa, Editorial Aster, 1961, p. 17: “É preciso que o homem deixe de enganar a Deus e de se iludir a si mesmo. É muito melhor confessar claramente: ‘eu não quero orar’, do que se iludir com tais artimanhas. É preferível declarar francamente: ‘não quero orar’, do que argumentar com desculpas do gênero de ‘estou muito cansado’. Esta atitude não será muito correta e é uma manifestação de fraqueza, mas é a verdade, e o que começa na verdade progride muito mais facilmente do que o que se assenta na insinceridade”.

⁶¹¹ Cf. ESPEJA, J., *Espiritualidade cristã*, Petrópolis, Vozes, 1995, p. 341.

⁶¹² Cf. GUTIÉRREZ, G., *teología de la liberación*, Salamanca, Sígueme, 1984, p. 270. Apud CASALDÁLIGA, P.; VIGIL, J. M., *Espiritualidade da libertação*, 4. ed., Petrópolis, Vozes, 1996, p. 153.

⁶¹³ Cf. GUARDINI, R., op. cit., Lisboa, Editorial Aster, 1961, p. 20.

Justamente por não ser instintiva, a oração exige disciplina, ou seja, requer seu tempo, seu lugar, e até um método. Definitivamente, oração não condiz com improvisação. Portanto, a mortificação da fé exige que o cristão, não apenas crie, mas, principalmente, preserve as condições indispensáveis à prática cotidiana da oração, de acordo com suas circunstâncias de vida. Não existe uma recomendação geral sobre o tempo necessário à oração; porém, este conselho de Dom Pedro Casaldáliga, aos agentes de pastoral, não deve ser desprezado, mas estendido a todos os cristãos: “um agente de pastoral que não fizer pelo menos meia hora de oração diária, além da que faz em equipe, não atingiu a estatura de agente de pastoral”⁶¹⁴.

8.2.2. Mortificação da esperança

Discípulo daquele que viveu a total doação de si até se entregar à morte na cruz, o cristão, diante da falta de esperança e de paixão pela verdade, que marcam a cultura contemporânea, é chamado a ser ‘testemunha’ do sentido da vida e da história. O que se lhe pede é que ame a ‘Pátria’ vislumbrada com a ressurreição de Cristo e esteja pronto a pagar o preço da fidelidade a ela nas tarefas cotidianas, pois só desse modo poderá ser testemunha de esperança para os outros⁶¹⁵.

É necessário que o cristão resgate a paixão pela verdade revelada em Cristo, na qual se fundamenta o seu testemunho de peregrino rumo à Pátria definitiva⁶¹⁶. Pois amar a verdade significa ter os olhos sempre fixos no cumprimento das promessas de Deus realizadas em Cristo, que deu sua vida e ressuscitou ‘por nós’; significa também estar sempre pronto para assumir todas as conseqüências decorrentes desse testemunho de fé. Naturalmente, isso exige pessoas adultas,

⁶¹⁴ Cf. CASALDÁLIGA, P., *El vuelo Del Quetzal*, Panamá, Maíz Nuestro, 1988, p. 56. Apud CASALDÁLIGA, P.; VIGIL, J. M., loc. cit.

⁶¹⁵ Cf. FORTE, B., *A essência do cristianismo*, Petrópolis, Vozes, 2003, p. 115.

⁶¹⁶ ESPEJA, J., *Espiritualidade cristã*, Petrópolis, Vozes, 1995, pp. 262-263: “A condição histórica do ser humano, que a teologia chamava ‘estado de vida’, ‘estar em caminho’, implica direção para uma meta, porém ainda não alcançada. Cabem aqui diferentes posturas: resignação com o que já se possui, ou mais um passo para frente. Embora pretendamos nos instalar numa etapa da caminhada, nossa vida continua e, com ela, também nossas exigências cada vez maiores. A resignação é sempre um mal menor para os homens quando já nada conseguem. Só a esperança – confiança, paciência, criatividade e audácia – pode ser meio satisfatório para as pessoas humanas que trazem inscrita em seu ânimo a tensão antropológica entre o que são e o que desejam ser. Nessa tensão entre o que se tem e o que ainda se deseja, inscreve-se a esperança cristã que é uma virtude teologal. Por essa virtude experimentamos a densidade teológica do tempo e abrimos o coração para além do aparente, certos de que nosso esforço não será inútil. Brota de uma promessa sobre o futuro feita no passado e realizada pelo Espírito nos fiéis”.

maduras, desejosas de agradar a Deus em tudo, prontas para demonstrar, em qualquer circunstância, que em Cristo ressuscitado encontra-se o sentido último da vida e da história ⁶¹⁷.

Dentre as tantas formas de mortificação da esperança, analisaremos as seguintes: o compromisso com a justiça; a pobreza evangélica e o testemunho da alegria pascal.

8.2.2.1

O compromisso com a justiça

Embora não identifique sua fé com nenhuma ideologia ou força político-partidária, o cristão, estimulado pela esperança, deve estar sempre disponível a colaborar ativamente em todas as forças vivas da sociedade, que trabalham pela promoção integral do ser humano. Pois a esperança da ressurreição, enquanto faz do cristão estrangeiro e peregrino neste mundo, não é sonho que aliena da realidade, mas força estimulante do compromisso com a justiça, com a paz e com a defesa e preservação do ecossistema no mundo atual ⁶¹⁸.

O objeto da esperança cristã não é a “minha salvação”, mas a “nossa salvação”, isto é, a salvação de todos e de tudo (cf. 1Cor 15, 28). O evangelho de Mateus a respeito do juízo final (cf. Mt 25, 31-45) – quando na consumação escatológica da história – ressalta que os bons serão colocados de um lado e os maus de outro. Esse juízo final tem profundo significado teológico: revela que nossa salvação, nossa felicidade, assim como nosso fracasso, não acontece independentemente das outras pessoas. Pelo contrário, nossa bem-aventurança eterna inclui, de algum modo, a felicidade universal; assim como nosso egoísmo contribui também para a degradação do mundo ⁶¹⁹.

Além disso, a esperança cristã supõe a salvação integral do ser humano; e, como tal, inclui também as salvações parciais que ao longo da história vão acontecendo na economia, na política e na organização social. Não fosse assim, aos que são vítimas das injustiças, aos excluídos do bem-estar social e econômico, negar-se-ia, de certo modo, sua participação numa salvação parcial, que deveria beneficiar a todos. Seria como privá-los de uma felicidade, certamente parcial, mas à qual eles têm direito. Portanto, somente o compromisso eficaz com os mais

⁶¹⁷ Cf. FORTE, B., op. cit., pp. 115-116.

⁶¹⁸ Cf. Ibidem, p. 117.

abandonados garante ao cristão a certeza de caminhar para a felicidade completa; meta, por excelência, da esperança cristã⁶²⁰.

O empenho concreto pela prática da justiça e da solidariedade é, sem dúvida, uma forma, não apenas hodierna, mas válida para todos os tempos, de mortificação da esperança.

8.2.2.2.

A pobreza evangélica

A vida nova, que nasce do encontro com o Deus da esperança, ganha visibilidade, sobretudo, na opção pela ‘pobreza evangélica’, não como sinônimo de carência ou de miséria, mas como a condição própria dos “pobres do Senhor”, daqueles que colocam totalmente em Deus a sua confiança. Pobreza evangélica é, pois, viver o futuro projetado e edificado na perspectiva do primado absoluto de Deus⁶²¹.

Ansiamos por nos sentir seguros. O problema é que sempre desejamos construir essa segurança sobre algo que podemos controlar com as mãos: o poder, o dinheiro, a bebida, a roupa, o seguro de vida, etc. Contudo, no fundo, sabemos que não somos senhores da terra, e por isso não temos o poder sobre nenhuma dessas coisas, o que nos deixa inquietos e angustiados. Viver, portanto, o espírito de pobreza evangélica significa permanecer aberto ao Senhor, isto é, livre de si mesmo para pertencer a ele; disponível para abandonar toda segurança já conquistada, aceitando, assim, colocar toda sua confiança na providência divina, que veste os lírios do campo e dá alimento às aves do céu (cf. Mt 6, 25-34; Lc 12, 22-31)⁶²².

Exercitar a pobreza evangélica é uma ótima forma de mortificação da esperança, pois leva-nos a crescer na confiança em Deus e a libertar-nos das falsas seguranças, que, na verdade, não passam de uma forma de escravidão.

8.2.2.3.

O testemunho da alegria pascal

A existência do cristão deve ser uma antecipação da alegria pascal, vitoriosa sobre o sofrimento, sobre o mal e sobre a morte; alegria prometida por Cristo,

⁶¹⁹ Cf. ESPEJA, J., *Espiritualidade cristã*, Petrópolis, Vozes, 1995, p. 268.

⁶²⁰ Cf. *Ibidem*, pp. 267-269.

⁶²¹ Cf. FORTE, B., *A essência do cristianismo*, Petrópolis, Vozes, 2003, p. 117.

⁶²² Cf. *Ibidem*, pp. 117-118.

quando de seu regresso ao Pai. Pois apesar das provas e contradições enfrentadas aqui na terra, o cristão é chamado a exultar na esperança, dando testemunho da alegria pascal; sempre convicto de que na comunidade em que peregrina rumo à “Jerusalém Celeste”, realiza-se a palavra do salmista: “Que alegria, quando me disseram: Vamos à casa do Senhor!” (Sl 122, 1)⁶²³.

A alegria do cristão, portanto, tem seu fundamento teológico na ressurreição de Cristo, que lhe assegura a vida verdadeira no tempo e além do tempo; como também na certeza de que o Espírito, por Cristo derramado sobre a humanidade, está agindo, ou seja, edificando já na história o futuro prometido por Deus⁶²⁴.

Uma forma de mortificação da esperança ocorre justamente quando o cristão, impulsionado pela alegria pascal, se esforça para superar o pessimismo e o desânimo em sua vida, tornando-se, assim, sinal e voz do mistério da “Parusia” na história.

8.2.3. Mortificação da caridade

Como a teologia da caridade já foi abordada e desenvolvida no quinto capítulo⁶²⁵ dessa pesquisa, neste ítem apenas trataremos das seguintes sugestões para a prática da mortificação da caridade: amor sem discriminação; perdoar sempre; preservar a natureza e praticar a hospitalidade.

8.2.3.1. Amar sem discriminação

O amor que Jesus exige do cristão deve ser dirigido a todos os seres humanos, independentemente de sua religião, cultura, nacionalidade e raça. Para enfatizar esse ensinamento, Jesus narra a parábola do bom samaritano (cf. Lc 10, 25-37), na qual responde à pergunta do legista sobre quem merece ser destinatário de nosso amor. A explicação de Jesus não é uma definição sobre o próximo, caso o fosse, seria uma resposta abstrata. Jesus conta uma parábola, um fato. Nela, tudo é significativo.

Para Jesus, o nosso próximo é qualquer pessoa necessitada; não importando sua religião, sua cultura ou classe social. O sacerdote e o levita não foram próximos do homem ferido caído à beira do caminho, apesar de serem, como ele,

⁶²³ Cf. *Ibidem*, p. 118.

⁶²⁴ Cf. *Ibidem*, pp. 118-119.

judeus; encontravam-se unidos pelos laços de nacionalidade, mas não saíram de dentro de si para ir ao encontro do “outro” necessitado. O samaritano, ao contrário, alguém separado do ferido por todo tipo de preconceitos ideológicos, raciais e religiosos, foi o seu próximo, pois viu nele o “outro” necessitado; foi capaz de “amar sem discriminação”.

Além disso, o compromisso do samaritano com o ferido foi eficaz, pois ele não o transferiu para outras pessoas. Pelo contrário, ele mesmo cuidou de suas feridas, depois o colocou em sua própria montaria, conduzindo-o, em seguida, a uma hospedaria, onde lhe dispensou cuidados, além de gastar o próprio dinheiro para que fosse bem tratado. Nessa parábola, Jesus ensina-nos de modo eloqüente que partilhar com o necessitado o que temos é a concretização histórica de um amor universal⁶²⁶.

Lutar para amar sem discriminações as pessoas que estão próximas de nós é uma excelente forma de se praticar a mortificação da caridade.

8.2.3.2. Perdoar sempre

O perdão sem medidas tem sua fonte e seu verdadeiro sentido na misericórdia de Deus, que faz nascer o sol para bons e maus, justos e pecadores. Segundo 1Cor 13, o amor autêntico sempre “desculpa e perdoa”. Caracterizando bem esse perdão sem limites, no evangelho de João encontramos a períclope da mulher adúltera perdoada por Jesus (cf. Jo 8, 1-11).

Os escribas e fariseus trazem à presença de Jesus uma mulher apanhada em adultério. A lei judaica estabelece para esses casos a pena de morte. Jesus, porém, nada responde, apenas se inclina e escreve com o dedo no chão. Existem várias tentativas de explicação para esse inaudito comportamento de Jesus, sobre o qual ainda não se chegou a um consenso. Certo é que Jesus consegue deixar inseguros os escribas, pois ao escrever com o dedo no pó do chão, ele lembra a eles que também são feitos de terra, possuindo também os mesmos impulsos e apetites da mulher adúltera⁶²⁷.

⁶²⁵ Cf. Capítulo 5, pp. 131-133.

⁶²⁶ ESPEJA, J. *Espiritualidade cristã*, Petrópolis, Vozes, 1995, p. 236.

⁶²⁷ Cf. GRÜN, A., *Jesus porta para a vida – O evangelho de João*, São Paulo, Loyola, 2006, pp. 80-82.

E ao levantar-se, Jesus pronuncia uma frase que cala fundo no coração dos escribas: “Aquele dentre vós que nunca pecou atire-lhe a primeira pedra” (Jo 8, 7b). Frase esta que exprime a misericórdia e a clemência de Jesus. Ditas essas palavras, ele se inclina novamente, deixando cada um às voltas com a sua própria consciência. Um por um de seus interlocutores se afastam. Os mais velhos são os primeiros, pois sabem que, em sua longa vida, não ficaram sem pecado. Permanecem apenas Jesus e a pecadora. Agora, sim, Jesus se dirige à mulher e, sem mencionar a questão da culpa ou da acusação, tira-a de seu embaraço e de sua insegurança, não fazendo que ela se confesse culpada, apenas questionando diante dela o comportamento de seus acusadores: “Mulher, onde estão eles? Ninguém te condenou?” (Jo 8, 10). Jesus, então, lhe promete o perdão e encoraja-a a não pecar mais; enfim, oferece-lhe a oportunidade de começar uma vida nova, mais digna⁶²⁸.

O exigente exercício cotidiano do perdão sem limites é uma forma perene de mortificação da caridade.

8.2.3.3. Preservar a natureza

A natureza deve também ser respeitada e amada. Numa visão sapiencial, Jesus celebra o cuidado e a solicitude que o Criador manifesta ao vestir os lírios do campo e alimentar as aves do céu (cf. Mt 6, 26-29). Em sintonia profunda com toda a criação, são Francisco de Assis, por exemplo, manifestou sua “caridade cósmica”, ao declarar seu amor ao irmão sol, à irmã lua, ao irmão lobo. Enfim, são Francisco contemplava a natureza como obra de Deus, por isso mesmo, a respeitava e a amava⁶²⁹.

Diante da crise ecológica que hoje vivemos, conforme analisamos no capítulo seis⁶³⁰, preservar a natureza é, sem sombra de dúvida, uma maneira atualizada e eficaz de se praticar a mortificação da caridade.

8.2.3.4. Hospitalidade

Acolher bem, já é uma forma de evangelizar. A hospitalidade propicia uma oportunidade de encontro com Deus, uma vez que o acolhimento afetuoso cria

⁶²⁸ Cf. *Ibidem*, pp. 82-84.

⁶²⁹ Cf. ESPEJA, J., *Espiritualidade cristã*, Petrópolis, Vozes, 1995, p. 237.

⁶³⁰ Cf. Capítulo 6, pp. 163-167.

uma sensação de lar, de estar em casa. Prova disso temos no evangelho de Lucas, mais precisamente na perícopre que narra a conversão de Zaqueu (cf. Lc 19, 1-10).

Ao ver Zaqueu, Jesus tomou a iniciativa e se convidou a si mesmo como hóspede em sua casa para comer com ele. Alojjar-se na casa de alguém, sentar-se a sua mesa são sinais de comunhão. Jesus não fez nenhuma censura a Zaqueu, apenas se ofereceu para comer com ele; não exigiu mudanças, apenas respeitou-o como ser humano. E ao ser valorizado por Jesus, Zaqueu mudou de comportamento, passou a ser outra pessoa; pois já não precisava mais do dinheiro como substituto de sua carência de valor, devolvendo, por isso, por isso tudo o que ganhara desonestamente⁶³¹.

Portanto, acolher bem, acreditar e investir na valorização da pessoa humana é uma forma também sempre atual de mortificação da caridade, dada, sobretudo, a premência de se resgatar a sua dignidade, tão esfacelada em nossa sociedade.

8.3. Espiritualidade batismal: alicerce para uma nova evangelização

“Vós todos que fostes batizados em Cristo vos revestistes de Cristo” (Cf. Gl 3, 27). Estas palavras de são Paulo evidenciam que Cristo não é apenas alguém que professamos como modelo e mestre da humanidade. Nossa relação com ele não é somente aquela de uma adesão intelectual de fé à sua pessoa e à sua doutrina; ser cristão não consiste somente em ser fiel à sua Palavra e imitador de sua vida. Ser cristão significa, sim, estar em comunhão com a sua pessoa e o seu mistério: viver em Cristo, ou melhor, deixar que ele viva em nós a sua filiação divina, a consagração e a missão no Espírito, a sua paixão pelo reino do Pai⁶³².

O cristão é, certamente, um discípulo que segue e imita o Mestre, um fiel que acolhe a sua pessoa e a sua doutrina, um apóstolo que dá testemunho de seu evangelho, mas é também algo a mais: é uma pessoa que vive em Cristo, que vive dele, que está unida a ele como o ramo à videira (cf. Jo 15, 4-5). Entre Cristo e o cristão estabelece-se uma comunhão de vida que tem como ligação mais íntima a própria vida do Pai, derramada em nós pelo Espírito Santo. É a mesma vida que

⁶³¹ Cf. GRÜN, A., *Descobrir a riqueza da vida*, São Paulo, Loyola, 2003, pp. 58-59.

⁶³² Cf. CASTELLANO CERVERA, J., *Viver o batismo como fonte de vocação e de missão*. In: *ABBA – Revista de Cultura*, Vol. V, n. 03, Vargem Grande Paulista, Cidade Nova, 2002, p. 60.

escorre, como uma linfa, em todos aqueles que estão unidos pelo mesmo batismo no corpo da Igreja⁶³³.

Infelizmente, o batismo ainda é uma realidade não bem compreendida por muitos cristãos. Sob o prisma teológico, devemos afirmar que a experiência batismal, isto é, a urgência de viver as riquezas e o dinamismo próprio do batismo, está ainda longe de constituir o programa de vida de muitos cristãos. Algumas espiritualidades menos teológicas, inclusive, além das práticas devocionais, muitas vezes impedem que o cristão concentre a própria experiência de fé naquilo que é essencial: a vida em comunhão com Cristo⁶³⁴.

8.4. Conclusão

Sem dúvida alguma, o cristão unido e configurado com Cristo é o anúncio mais convincente do evangelho; por exemplo, a vida e o testemunho de Madre Teresa de Calcutá mostra melhor do que qualquer palavra o amor de Deus pela humanidade. O cristão transfigurado pelo amor de Cristo é o melhor anunciador de sua mensagem salvífica, pois como afirma o Papa João Paulo II, na carta encíclica *Redemptoris Missio*, o melhor evangelizador é o ‘santo’⁶³⁵.

Portanto, a santidade precisa definitivamente ser apresentada como o grande ideal da vida cristã; como o objetivo último de qualquer plano de evangelização. Mas só isso não basta. Também é de fundamental importância elaborar e apresentar às comunidades eclesiais uma boa catequese acerca da espiritualidade batismal, eliminando, desse modo, os preconceitos que ainda perduram contra a práxis da mortificação.

Resgatar, portanto, o valor e a importância da mortificação para o desenvolvimento da espiritualidade batismal não é algo supérfluo, mas necessário e útil como contribuição positiva para o bom êxito da nova evangelização.

⁶³³ Cf. *Ibidem*, pp. 60-61.

⁶³⁴ Cf. *Ibidem*, p. 68.

⁶³⁵ RMi n. 90.